

O desporto nas artes moçambicanas: uma abordagem sumária

Sport in Mozambican Arts: A Summary Approach

Elídio Nhamona

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique
Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, USP
elidionhamona@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de apresentar algumas obras que abordam o tema do desporto nas artes moçambicanas ao longo do século XX e analisar as diferentes perspectivas dos autores, demonstrando como essa atividade cultural foi usada para criticar os sistemas vigentes e discutir os meios para o estabelecimento de uma sociedade livre, fraterna e igualitária. Embora a literatura em seus diferentes géneros seja privilegiada, também apresentam-se algumas fotografias e uma breve série de cartuns a fim de mostrar a importância e o prestígio do desporto na sociedade colonial e pós-independência, com destaque para o futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Representação do desporto; Artes; Moçambique; Desporto.

ABSTRACT: This article aims to present some works that address the theme of sport in Mozambican arts throughout the 20th century and to analyze the different perspectives the authors had on sport, demonstrating how this cultural activity was used to criticize the current systems and discuss the means for the establishment of a free, fraternal and equal society. Although literature in its different genres is privileged, we will also present some photographs and a brief series of cartoons in order to show the importance and prestige of sport in colonial and post-independence society, with an emphasis on football.

KEYWORDS: Representation in Sport; Arts; Mozambique; Sports.

Em todas as sociedades, nas mais antigas e nas modernas, encontramos diferentes tipos de jogos, recreações e brincadeiras. Se partirmos do princípio de que a sobrevivência de uma sociedade requer trabalho, por outro lado, seu equilíbrio físico, mental e espiritual requer o desenvolvimento de atividades lúdicas e metafísicas. As brincadeiras, os jogos e o desporto são práticas livres e emocionadas manifestas nas culturas em espaços e tempos específicos nos quais determinados indivíduos disputam um prémio por meio do cumprimento de “regras”, como bem nos ensina Johan Huizinga, em seu clássico *Homo ludens: o jogo como elemento de cultura* (2007).

O mesmo ocorre em Moçambique, que como território autónomo e unificado, resultou do processo colonial. Por isso, os desportos organizados de origem ocidental vieram com os colonos, sendo alguns deles agricultores, funcionários públicos e empregados de empresas privadas. O discurso de superioridade civilizacional dos colonizadores implicava a adoção não somente do modo de vida dos colonizados, mas igualmente dos seus desportos. Com desenvolvimento da indústria mineira na África do Sul por capitais ingleses e o conseqüente crescimento de Lourenço Marques como porto privilegiado para exportação e importação, de pessoas e bens, nos finais do século XIX, fez com que muitos desportos de origem inglesa, como o futebol e o ténis, passassem a ser praticados pela elite colonial e pelos nativos assimilados. Os jogos locais, embora subsistissem, se confinavam maioritariamente aos subúrbios e a zona rural, integrando um conjunto de práticas culturais chamadas “selvagens”. Gradualmente, os jogos dos colonizadores passaram a ser adotados, replicados e reelaborados pelos colonizados, como um mecanismo de aproximação e integração, bem como de rebeldia e contestação do sistema colonial, segundo Nuno Domingos (2012).

Depois do estabelecimento da Imprensa em 1854 na ilha de Moçambique, sede administrativa da província do país desde 1754, , tivemos uma crescente atividade associativa por parte dos funcionários de estado, das empresas e do comércio. O estabelecimento da imprensa possibilitou o surgimento de vários jornais, como a *Revista Africana*, a primeira revista literária de Moçambique, editada pelo poeta romântico José Pedro da Silva Campos de Oliveira (1854-1911).

Para além das atividades intelectuais ligadas às ideias do Iluminismo no jornalismo, essas associações se dedicavam à leitura, à dança e aos jogos, como as regatas, o bilhar, as damas, o gamão, o dominó e “outras diversões de *sport*”.¹

Em João Albasini (1876-1922), jornalista e director dos jornais nativistas *O Africano* e *O Brado Africano*, nas crónicas, editoriais e n’*O livro da dor*, o desporto somente é citado como elemento decorativo, usando-o para defender argumentos. No seu artigo “Anglo-mania”, publicado em 7 de abril de 1909 em *O Africano*, ao dissertar contra a hegemonia do capital inglês na colónia de Moçambique e defender o nacionalismo português, escreve que uma dessas tendências, entre outras modas de origem inglesa, é que “jogasse tennis”. Para além disso, refere-se usualmente a “banca de jogos”, ao “batoteiro”, ao boxe, as jogadas de xadrez (“xeque-mate”) e a brincadeira ou jogo infantil chamado de “cabra-cega”. Nas últimas crónicas do nativista em *O Brado Africano*, se autoneomeia *sportsman* ou condena a atitude de um jornalista de *O Guardian*, que tem levantado reiteradamente questões raciais como se fosse um desportista (*sport*), qual prática necessária para a manutenção de um atleta (*sportsman*).

O livro da dor, publicado em 1925, mas escrito em 1917, é composto de cartas de amor. João Albasini escreve na terceira carta de 16 de maio de 1917, na tentativa de convencer a sua amada, Micaela Loforte, que seu amor era verdadeiro. Por isso, o autor afirma que mesmo o desporto (*sport*) não poderia derrotá-lo na luta pelo amor da sua vida. As citações de João Albasini sobre o desporto revelam a sua existência na cidade Lourenço Marques e na colónia de Moçambique.

José Albasini (1877-1935), numa crónica em *O Brado Africano* de 25 de agosto de 1934, escreve que na sua estadia em Magudo com os padres Lima e Mello, o régulo Ngubana e seus amigos Gil e Hobednão pôde falar com senhor Caruço, pois estava dormindo. E passo a citar o motivo: “tinha levado os seus ‘leões’ à vila de João Belo, a um desafio de *football*, mas à vista destes bichos, os outros jogadores tiveram tal susto, que não os deixaram jogar”.² Obviamente não se trata de leões literais, mas uma forma de tratar esses jogadores que pertenciam a uma equipe com símbolo de leão, talvez uma filial do Sporting de Portugal. Por

¹ SOPA. *Campos Oliveira: a voz inicial*, p. 35.

² ALBASINI. *O Brado Africano*, 25 ago. 1934, p. 2.

consequente, como explica Guido Convents, “desde os finais do século XIX, o divertimento ganha uma crescente importância na colónia, sobretudo nos centros urbanos. Quase todas as formas de desporto, sobretudo o futebol, são populares e mesmo corridas de touros são organizadas em Lourenço Marques”.³



Ricardo Chibanga (1942- 2019), o famoso toureiro negro moçambicano, em plena atuação. Fonte: <https://mtv-noticias.pt/>.

Em a *Imprensa de Moçambique*, Ilídio Rocha (2000) atesta, como outros pesquisadores, que

sobretudo em Lourenço Marques, a prática do desporto tem credenciais bem antigas, quiçá por influência inglesa, e que facilmente ficarão demonstradas pelos numerosos clubes desportivos que a cidade teve, e ainda tem desde a mais antiga Liga Naval Portuguesa, com estatutos aprovados em 1902, seguida historicamente pelo Sport Clube Português (1907), pelo Grémio Náutico (1913) e pelo Club de Golf (1918). Como se vê, são primeiro o remo e a vela e, depois o golfe, que de início mais atraíram a burguesia que praticava desportos na capital de Moçambique, isto, naturalmente, sem contar a caça, então já não um modo de vida mas

³ CONVENTS. *Os Moçambicanos perante o cinema e o audiovisual: uma história político-cultural do Moçambique colonial até à república de Moçambique (1896-2010)*, p. 39. ALBASINI, João. Anglo-mania. *O Africano*. Lourenço Marques, ano 1, n. 6, p. 2, 22 maio 1909; ALBASINI, João. *O Africano*, Lourenço Marques, ano 1, n. 11, p. 1, 24 ago. 1909; ALBASINI, João. A cabra cega... *O Africano*, Lourenço Marques, ano ?, n. ?, p. ?, 13 dez. 1913; ALBASINI, João. A tal portaria... *O Brado Africano*, Lourenço Marques, ano ?, n. ?, p. ?, [data ilegível]; ALBASINI, João. Um vilão. *O Brado Africano*, Lourenço Marques, ano ?, n. ? p. ?, 21 jan. 1922; ALBASINI, João, *O livro da dor*, p. 43; ALBASINI, José, *O Brado Africano*, Lourenço Marques, n. 718, p. 225, ago. 1922.

um meio de diversão. E estas prioridades devem ter a ver, muito naturalmente, com a grande predominância, como já dissemos, de ingleses entre a população que a estas lides se podia dar.⁴

Rocha acrescenta que “a sempre frágil imprensa desportiva” iniciou com a *Semana Desportiva* em 7 de Outubro de 1922. O jornal tinha um “projecto muito ambicioso” no qual pretendia noticiar sobre “atletismo, box, ciclismo, esgrima, hipismo, luta, motociclismo, natação, remo, tiro, *criket*, *lawn tennis*, vela, caça, golf, pesca, etc.”. Aponta existir diversos jornais desportivos ao longo do período colonial, como o *Eco dos Sports* (1938-1956), o suplemento *Guardian Desportivo* do *The Lourenço Marques* (entre 1951- 1955), *Sol e Touros* (1952), *O Estádio* (1955), *Eco dos Sports* (1958), *O Stick* (1959), *Tenis de Mesa* (setembro de 1959-julho de 1960), *Safari* (1964-1965), *A equipe* (dezembro de 1966-janeiro de 1967), *Educação e Movimento* (1969-1975), *Educação e Movimento* (abril-junho de 1975) e o livro *Desporto para liberdade* (1975).



Equipa de futebol juvenil em Lourenço Marques, em 1926.
Fonte disponível em: [www. delagoabay.wordpress](http://www.delagoabay.wordpress.com).

⁴ ROCHA. *Imprensa de Moçambique*, 2000, p. 132-3.

Outro escritor da mesma época muito ligado ao desporto é Rui de Noronha (1909-1943). Foi jornalista, poeta e funcionário público, presidente da Assembleia Geral (1935) e presidente do Conselho Fiscal do Grupo Desportivo Vasco da Gama. Nos seus sonetos, charadas, quadras, vilancetes, editoriais e artigos em *O Brado Africano* não temos nenhuma referência ao desporto. Somente numa crónica intitulada “Franqueza”, publicada no dia 10 de novembro de 1934, escreve sobre um convite feito por “um grupo de *football* africano” para uma festa dançante à noite. Prossegue afirmado que “a dada altura da noite, o grupo apareceu e doze vinham descalços e oito de... botas de *football*. Eram transvaalianos que tinham vindo para jogar no dia seguinte”. Pode depreender desta citação que Rui de Noronha conhecia os jogadores de futebol e seus calçados. Por outro lado, visto que o futebol era muito desenvolvido na África do Sul, colónia inglesa, com fortes relações económicas e sociais com Moçambique, era comum naquele período que equipas de ambas colónias competissem.⁵



Na foto, tirada em 3 de dezembro de 1933, temos Rui de Noronha com seus 24 anos, o sexto em pé da direita para esquerda vestido a rigor para uma partida de futebol, supomos do Grupo Desportivo Vasco da Gama. Fonte: PATRAQUIM, *Índico*, p. 45.

⁵ DOMINGOS. *Futebol e colonização: corpo e cultura popular em Moçambique*, 2012.

Em *Itinerário* de julho de 1949, nesta importante revista de divulgação do modernismo em língua portuguesa em Moçambique, João Fonseca do Amaral (1928-1992) publica o poema “Evocação”, no qual interpela uma amiga com lembranças infantis de um passado partilhado, constando nessas lembranças vendedeiras de ruas, namoricos, moleques prestativos, amigos de diferentes raças, comidas e doces típicos, música nativa e internacional “e o negro coxo que jogava futebol”.⁶

Em *Clima*, livro de Orlando Mendes (1916-1990) de 1959, o futebol dos subúrbios da cidade é descrito no poema “Moleque mufana” e igualmente, de forma muito sucinta, no romance *Portagem* de 1966. O personagem principal do romance, João Xilim, depois de sair da sua terra natal, procura emprego na cidade. Neste lugar, ele convive com os membros de uma associação que usam o “campo de futebol do Invencível”, um “clube africano” para negros, onde promovem bailes de angariação de fundos. Em “Moleque mufana”, temos a trajetória de um adolescente cidadão negro. Por meio do polissíndeto, é descrita exaustivamente a sua rotina de empregado doméstico, as horas de lazer no final de semana e os sonhos. Entre os lazeres, temos o cinema e o futebol, conforme o excerto:

[...] Nas tardes tão brancas
De novos domingos
Passear airoso
Pelas avenidas da cidade
Ir ao luna-parque
Gozar alegrias
Duma hora doída
Ou ver futebol
Com outros moleques [...].⁷

Em 1946, com auxílio dos missionários suíços, Eduardo Mondlane publica *Chitlango, filho de chefe*. A autobiografia foi originalmente publicada em francês, pois o Estado Novo já estava instalado desde 1926 e vivia-se na ditadura de António Oliveira Salazar. Com a assinatura da concordata entre o estado colonial português e a igreja católica, em 1940, e o Estatuto Missionário, em 1941, a situação das igrejas protestantes, em especial a Missão Suíça, complicou. Consequentemente, este livro somente foi editado em português pela Cadernos da

⁶ AMARAL. *Itinerário*, ano 9, p. 9, n. 91, jul. 1949.

⁷ MENDES. *Clima*, p. 46.

Tempo em 1990, apesar de ter tido versões em inglês, em 1950 e 1970, e em alemão, em 1950.

A personagem Chitlango narra sua trajetória até a conversão ao cristianismo. Então, temos duas sociedades descritas, a nativa e a colonial. Ao descrever a sociedade nativa, apresenta os jogos tradicionais entre os jovens pastores, como o nado no lago e a homa. O jogo entre um missionário e os jovens convertidos se dá naquilo que se chamavam grupos ou patrulhas (no singular *ntlawa* e no plural *mintlawa* em changana). Era um sistema de educação informal com objetivo de formar jovens em princípios selecionados do cristianismo, do escutismo e dos pastores de gado, como ilustra o excerto:

Canções e discursos não bastam. É preciso também o jogo ao ar livre, treino desportivo, o exercício dos músculos e do golpe de vista, a agilidade, temperada com qualquer coisa de violento que lembre a caça.

Moneri [missionário] arregança as mangas, traz uma bola e faz de jovem Tsonga. Dividimo-nos em dois campos. Vai ver-se quem atira a bola com mais vigor e atinge o adversário em golpe directo. Eis o que apela ao instinto. Atira a bola com uma força inesperada, os da equipa apanham-na em voo. A bola de couro parece colar-se-lhes aos dedos, enquanto eu, um noviço, quando penso que a agarrei, fecho os braços no vazio. De cada vez é uma risada geral, franca e sem maldade, à qual não consigo deixar de me associar: lá se foi a minha vaidade de Chitlango!

É preciso continuar a fazer o que nos compete, saltar, evitar ser tocado. Os grandes, incluído o moneri, agacham-se, deitam-se no instante de perigo. Eu mantenho-me à parte, num dos cantos exteriores do terreno. Estou pouco à vontade, não quero achar-me na obrigação de atirar a bola a um branco, da mesma maneira que atiraria uma pedra a um cão. Que os outros se encarreguem disso. Subitamente, o moneri é tocado e declara-se vencido. Como pode ser isso? O mundo está às avessas. Um grande nunca deve abdicar.⁸

No excerto, os jovens divertem-se num jogo com o objetivo de estimular a união, o amor, a unidade, a entreaajuda, a liderança, a cooperação, a disciplina e o segredo num sistema colonial repressivo. Este sentimento de grupo possibilitara que facilmente tivessem uma educação moral, associada ao canto, ao teatro, à alfabetização, entre outras atividades lúdicas e artísticas cruciais para formação de jovens cristãos equilibrados física e mentalmente. Diante de tal situação, Chitlango emociona-se e fica espantado com o grau de cumprimento das regras do jogo e a igualdade reinante entre os membros da equipa, em que até um missionário aceita

⁸ KHAMBANE; CLERC. *Chitlango, filho de chefe*, p. 159.

perder um jogo. Esses momentos estimulam que o protagonista da autobiografia se filie a equipa.

Henri-Alexandre Junod (1863-1934), missionário e antropólogo suíço, em *Os usos e costumes bantu*, resultantes das pesquisas feitas no sul de Moçambique entre 1889 e 1920, descreve os jogos das raparigas e dos adultos na sociedade “Tsonga”. Primeiramente, diz que estes povos têm muitos jogos e descreve alguns. Os jogos dos rapazes são *nguluve yida mimphovo, nsema, ndlopfa ndlopfana, homana, kutluva holwana, kifufununu, mbita ya vulomba yarhekarheka, xikulukwana xa kuka vuhumo, nkwama maku e xifufununu xa paripari*. Os jogos das raparigas enumerados são *vhule e vuhlolo emathakuzana*. E por fim, temos os jogos dos adultos, como os *nchuva e khuta*. Numa perspectiva idêntica, D. P. Marolen enumera 39 jogos e explica as regras em *Mitlangu ya vafana va vatsonga* de 1954, como *dema, nketu, rhonge e khadia*. O termo *mitlangu* pode ser traduzido como jogos ou brincadeiras, e pelas explicações podemos dizer que abarca os dois sentidos além de outros, como gracejo e troça.⁹

Em 1941, Jorge Dias (1907-1973), que era leitor de cultura portuguesa em Rostock e Margot Dias (1908-2001), pianista, se casam. Depois do casamento, ambos começam a interessar pela antropologia. Ao voltar a Portugal, Dias pesquisa a vida comunitária dos residentes de Vilarinho da Furna e de Rio de Omor e dirige, em 1947, o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular no Porto. Em 1956, recebe o convite de Adriano Moreira, então director do Centro de Estudos Políticos e Sociais da Junta de Investigação do Ultramar, para pesquisar os povos macondes, integrando uma equipe que fazia parte da Missão de Estudos de Minorias Étnicas do Ultramar Português. Em 1957, vão para Moçambique e o resultado de suas pesquisas até 1957 é a monografia *Os macondes de Moçambique*, em quatro volumes, escrito por Jorge Dias, Manuel Viegas Guerreiro e Margot Dias. Nos interessa, sobretudo o quarto volume, intitulado “Sabedoria, língua, literatura e jogos”. Neste volume, escrito por Manuel Viegas Guerreiro, são descritos os pontos cardeais, o comportamento do público diante da audição de narrativas, diferentes tipos de contos, adivinhas, provérbios, cantos, bonecas (*nambecha*), brincadeiras,

⁹ JUNOD. *Usos e costumes Bantu*, p. 80-5, 166-9, 312-20; MAROLEN, 1954.

jogos (*mapudi, urungula, dindjalengwa, ntili e ngupite hapa*), jogos de destreza (*noda, chinatimali, chiputa, nchayo e chitanda*) e intelectuais (*nchayo, nditi e ndoma*).¹⁰

Em 1959, Rui Knopli (1932-1997) publica *Mangas verdes com sal*. E num poema, “O atleta”, nos dá a conhecer os esforços extenuantes do desportista que se esmera numa atividade física. Os exercícios são tão vigorosos que o atleta atinge os seus limites, expressos nas dores manifestas no corpo e nos olhos. Os exercícios, longe de serem prazerosos, fatigam o atleta. Apesar da teimosia, a fadiga leva-o ao fracasso diante de um público condescendente. O único ganho do desportista, naquele instante, é ter aprendido com o fracasso e ter a disposição de aprender com seus erros, tanto no desporto como na vida.¹¹

“SOU POPULAR COMO UM JOGADOR DE FUTEBOL”

O subtítulo é um verso do poema “Carta para a mãe dos meus filhos”, de José Craveirinha (1922-2003), publicado em *Karingana Ua Karingana* (1982).¹² No longo poema epistolar dirigido à sua esposa, aborda um passado de carências e sacrifícios partilhados, mas, no presente, a situação está melhor ao ponto de ter fartura, tempo para discutir ciências, artes e beldades. Por isso, se gaba de ser igualmente conhecido como os futebolistas. Esta passagem não é apenas uma menção fortuita na sua obra. Lembremos que José Craveirinha foi jornalista, atleta, treinador, adepto e dirigente desportivo. Como atleta, foi praticante de boxe, futebol e atletismo. Segundo Aurélio Rocha,

No desporto teve um papel destacado como atleta e dirigente, com créditos firmados no futebol e no atletismo, modalidade em que atingiu resultados promissores e também no boxe. Como jogador integrou a equipa do Grupo Desportivo João Albasini, da AFA-Associação de Futebol Africana, onde estavam filiados os clubes da elite nacional, na “cidade do caniço”, do Atlético e do Desportivo, da AFLM-Associação de Futebol de Lourenço Marques, composta por clubes da elite nacional, na “cidade de cimento”. Como dirigente associativo esteve ligado ao Grupo Desportivo Vasco da Gama, tendo sido ainda ferrenho activista da AFA, organizadora do futebol dos subúrbios de Lourenço Marques. Na década de 40 já era jogador do Grupo Desportivo de Lourenço Marques, a que

¹⁰ GUERREIRO. *Os macondes de Moçambique*, volume IV, 1964.

¹¹ KNOPFLI. *Mangas verdes com sal*, p. 104.

¹² CRAVEIRINHA. *Obra poética*, p. 178.

ficou definitivamente ligado, sendo à data da sua morte o sócio nº 2. [...] Após a independência, Craveirinha foi vice-presidente do Comité Olímpico Nacional. Acerca da sua ligação à literaturas e ao desporto, Craveirinha dizia amiúde que teve dois amores: o primeiro, que se tornou o principal, foi a literatura; o outro foi o desporto, designadamente o futebol, ao qual se manteve ligado mesmo depois de ter arrumado as botas.¹³

Longe de serem amores separados e invejosos, vamos encontrar nos seus poemas diversas referências ao desporto, nas múltiplas facetas nas quais atuou. Os textos literários e jornalísticos de Craveirinha pouco abordam aspetos ligados às suas atividades como dirigente ou treinador. Todavia, abundam outras particularidades anteriormente citadas. Como jornalista, seus textos mostram seu viés de reportar os acontecimentos para informar o público sobre os factos ocorridos. Por isso, recorre ao “relato”, à “reportagem”, à “televisão”, não somente para transmitir informações como jornalista, mas igualmente na condição de ouvinte, leitor ou telespectador. Daí a ambiguidade dos sentidos que os poemas apresentam, oscilando e misturando os pontos de vista.¹⁴

Outra faceta usual é do adepto, no qual expressa seu gosto em praticar, fruir, ver e ouvir o futebol, o atletismo, o ténis e a tauromaquia. Por isso, o eu poético descreve suas habilidades no futebol ou se identifica com os praticantes habilidosos e suas proezas requintadas. Por isso, temos a presença de nomes que se salientaram nessas modalidades, como Chibanga, Matateu, Joe Louis, Nelson Prudêncio, Pelé, Tommie Smith, Abede Bikila, Diego Maradona e Mário Coluna. No mesmo diapasão, temos as equipas, como o Sporting Clube Benfica e Sporting de Portugal. Como podemos constatar neste breve arrolamento de atletas estrelas e equipas, a admiração do autor não se restringe aos seus compatriotas, mas todos que sejam destros nos respectivos desportos. Essa perspectiva permite instaurar nos poemas uma fraternidade e irmandade ausente na sociedade na qual vive.¹⁵

Para o auxiliar nesta empreitada, Craveirinha convoca para este grupo outros companheiros que se destacaram no jogo político e artístico como Panço Vila, Rivera, Jorge Amado, Orlando Mendes e Emiliano Zapata. Tal irmandade moral é realçada por destacar que esses fazem parte de uma ampla frente de

¹³ ROCHA. Nota histórico-biográfica de José Craveirinha, p. 8-9.

¹⁴ CRAVEIRINHA. *Moçambique e outros poemas*, p. 140-1, 154.

¹⁵ CRAVEIRINHA. *O folclore e as suas tendências*, p. 61 e 63.

combate às desigualdades sociais. Por isso, Mário Coluna, jogador hábil, é descrito como escritor de “talentosos poemas e prosa” e Orlando Mendes, o escritor moçambicano, como “craque” do “Sport Lisboa e Benfica”. É como se cada um usasse suas habilidades numa mesma frente, suscetível de comutação de posições, para derrotar um inimigo comum: o mal-estar da humanidade.¹⁶

Além de admirar o desporto, Craveirinha o associa à questões sociais. Vejamos como exemplo o texto “Tenista sem ténis”. O título já aponta para a prática do desporto sem condições para o efeito. O praticante não tem nem calçado apropriado para a modalidade desportiva de elite, praticada pelos habitantes da “cidade de cimento”. As carências do atleta mostram que ele usa *mulala* (raiz com propriedades higienizantes) para escovar os dentes e vive espoliado numa cidade segregada. As classes sociais da sociedade colonial são descritas entre aqueles que usam sapatos e os que não usam, formando classes distintas manifestas nos tenistas.¹⁷

Em “Carta para Joe Louis nosso campeão para ser lida por Jorge Amado”, temos descrito o duelo entre Max Schmeling e Joe Louis, de 1936, em Nova Iorque, ano no qual o domínio nazista se iniciou na Alemanha. No primeiro duelo de 1936, Louis é nocauteado por Schmeling, provocando um mal-estar no poeta. Na revanche de 1938, Joe Louis derrota Schmeling, provocando uma incontida alegria e uma clara identificação com o boxeador negro. Nesse momento de euforia, por meio de um conjunto de substituições, mostra que essa vitória era uma derrota para o discurso fraudulento de uma superioridade da raça ariana propalado pelo partido Nazi. Essa reação vai ativar a vingança nos jogos de futebol locais em que era humilhado constantemente por um indivíduo opulento da elite, levando-o a querer repetir o feito de Louis. Tais feitos não só ficam em Moçambique, mas convida outros para que juntem a si na ação de vingança contra o domínio de uma minoria opulenta e exploradora. Tal convite não se restringe aos seus compatriotas, mas inclui Jorge Amado, porta-voz dos pobres e humilhados brasileiros. Neste poema, o discurso de Craveirinha vai se opor ao cotidiano de segregação racial e económica da cidade de Lourenço Marques, manifesto também

¹⁶ CRAVEIRINHA. *Vila Borghesi e outros poemas de viagem*, p. 239; CRAVEIRINHA, *O Plebescito*, p. 34.

¹⁷ CRAVEIRINHA. *Moçambique e outros poemas dispersos*, p. 84; DOMINGOS. *Futebol e colonização*, p. 17.

nas atividades desportivas. Por isso, o poema de 1952 foi censurado e somente publicado depois da independência.¹⁸

Outro poema significativo foi escrito depois da independência designado “Chora Micha chora”:

Na despedida
uma após outra lágrima
Micha com muita pena
chora de saudade a despedida
E choram os que perderam a festa.

E com o amiguinho Micha
do princípio ao fim a boicotar o boicote
até mil novecentos e oitenta e quatro
olimpicamente até Los Angeles
até Los Angeles com toda a força
camarada Micha.

Até Los Angeles
Camarada Micha.¹⁹

Neste o poema “Chora Micha chora” e noutros como “Estádio Lenine” e “100 metros barreiras”, Craveirinha descreve suas experiências de viagens pelo mundo. Alguns destes poemas discorrem sobre o desporto e particularmente sobre os jogos olímpicos de Moscovo em 1980. No contexto da guerra fria, os jogos foram boicotados pelos Estados Unidos e outros países ocidentais em protesto contra a intervenção militar da União Soviética no Afeganistão. Um ponto alto desses jogos polémicos foi o seu encerramento, no qual se encenou o choro de Micha, nome da mascote dos jogos, por meio de mosaicos coloridos levantados em sincronia por pessoas treinadas para o efeito nas arquibancadas. Essas imagens foram transmitidas em directo para televisão, emocionando muitos telespectadores no mundo inteiro. Refletia, deste modo, a tristeza da mascote em razão das querelas políticas estarem a prejudicar os jogos olímpicos, ocasião que devia ser somente de competição desportiva, paz e fraternidade humana. Nota-se uma clara identificação com a mascote, ao chamar-lhe de camarada, membro da ampla frente dos esforços da esquerda. Apesar disso, o poema de Craveirinha aborda a cidade

¹⁸ DOMINGOS. *Futebol e colonização: corpo e cultura popular em Moçambique*, p. 114.

¹⁹ CRAVEIRINHA. *Vila Borghesi e outros poemas de viagem*, p. 201.

que iria receber os próximos jogos em 1984, a cidade estadunidense de Los Angeles, como parte do ritual que impregnam os jogos olímpicos.²⁰



Fonte: Craveirinha, Moçambique, 2002, p. 76.

Em *O folclore moçambicano e as suas tendências*, uma compilação de artigos jornalísticos publicados em vários jornais entre 1955 e 1987 sobre o folclore, José Craveirinha aborda as diferentes manifestações daquilo que designa por folclore, como a música, as bebidas, as danças tradicionais e modernas e seus dançarinos, os cantares, os instrumentos, as brincadeiras, a culinária, o vestuário e a linguagem, particularmente o uso de termos específicos criados pelos nativos na sua interação com culturas estrangeiras. Em junho de 1970, escreve o jornalista, em *O cooperador de Moçambique (1969-1974)*, que

o nativo moçambicano teve de recorrer ao seu poder de inventiva para preencher lacunas no seu vocabulário tecnológico, recreativo, desportivo, etc. [...] E assim que pandza o jogo violento, a entrada dura e tximba significa o acto de dois a[d]versários chutarem a bola fortemente

²⁰ HEAS. Esporte, 2012; CRAVEIRINHA. *Moçambique e outros poemas dispersos*, p. 192-7, 199 e 201.

ao mesmo tempo, e que em português é traduzível para amarrar a bola. O instante em que um jogador é driblado limpamente por outro é expresso irónicamente como tsonto! Quando o guarda-redes encaixa a bola com força passou a chamar-se catcha e quando a defesa se faz em dois tempos é capatcha:

E inventou-se, para substituir administrativamente o marcador de golo em português ou o brasileiro, o à golissa! Quanto à finta com o corpo e seu tocar na bola baptizou-se por psêtu.

O incitamento para chutar a baliza ou chutar o golo é feito em apelos de golissa! E pontapé nas canelas ou a chamada canelada intencional? O rongha chama-lhe quenha.

E se o futebolista entra de pé em riste no momento em que o adversário vai chutar e há falta chama-se bequetela, sendo de beca, que é «por» em português mas que não tem a mesma força do que bequetela, de que saiu o verbo bequetela: Bequetelei, bequetelou, bequetelámos, bequetelaste, bequetelaram.²¹

Noutro artigo publicado em 7 de julho de 1970, em *O Brado Africano*, Craveirinha historia o surgimento do associativismo nativo, listando os fundadores do Grémio Africano de Lourenço Marques, a fundação do jornal *O Africano* e criação do “seu mais representativo clube desportivo, denominado Vasco da Gama” com objectivo de “pugnar juntos em busca da glória atlética” nos “campos de desporto”. Neste período, enumera um conjunto de equipas dos subúrbios, nomeadamente o “G. D. João Albasini, o Nova Aliança, o Mahifil Isslamo, o Atlético Maometano, o Munhuanense ‘Azar’, o Inhambanense, o Zambeziano, o S. José, o Gazense, Beira-Mar e o Luso”. No mesmo artigo, descreve alguns “jogos nacionais de tradição” como *homana*, *xibakela*, *fenete* e *k’kati*.²²

Por conseguinte, nos poemas e artigos de Craveirinha, o desporto não é uma atividade isolada, autónoma, dissociado do social. Ela está ligada à sociedade, mas realçando seus aspetos sublimes e iníquos. Por isso, geralmente ao falar dos desportos e seus jogadores, aponta para a sociedade cheia de desigualdade e injusta. Muitos desses jogadores são talentosos, mas nem todos tinham meios para jogar, pois a muito custo saíram da pobreza. E, esse grupo talentoso é minúsculo e a pobreza assola a maioria da humanidade. Em José Craveirinha, temos a descrição de jogadores talentosos, dos lugares e das equipas, além de sua mediatização e dos diferentes tipos de jogos nas suas múltiplas vertentes. Mas a temática dos seus poemas está sempre associada ao seu tempo e à sua situação, constando sempre

²¹ CRAVEIRINHA. *O folclore moçambicano e as suas tendências*, p. 234-5.

²² CRAVEIRINHA. *O folclore moçambicano e as suas tendências*, p. 262-3, 277-80.

inquietações da época e projetando dias livres e melhores. É uma poesia com juízo crítico apurado e que olha para os males do mundo e do desporto, não somente para constatar sua existência, mas instigar a mudança.²³

A MALTA E O FUTEBOL

Composto de sete contos, *Nós matámos o cão tinhoso* de Luís Bernardo Honwana, foi publicado em 1964. E aborda o tema do jogo no primeiro conto que dá título ao livro. A personagem central não são os meninos, muito menos o jogo, mas cão tinhoso. Os eventos que levam a morte do cão são contados por um narrador, um menino pensativo sobre suas ações e seus amigos. Esse narrador astuto e testemunha ocular nos seduz com sua descrição e narração inocente, nos revelando personagens, eventos e tensões de seu mundo.

A personagem principal, o cão, é descrita com características que remetem aos humanos, resultante de uma mistura de particularidades do branco, do negro e do amarelo na sua situação mais vil de decadência física. Esse cão detestado, é um exilado social, sendo rejeitado por outros cães e pelos humanos, exceptuando a Isaura. É um cão doente, ossudo, desdentado e com dificuldade de locomoção.

O coletivo canicida é composto por doze meninos provenientes dos diversos estratos da sociedade colonial, destacando que estes refletem sua inteireza com suas contradições e exclusões. Pelos nomes e ações correspondem a tipos sociais e raciais da sociedade colonial. Elas são crianças de origem portuguesa, indiana, chinesa, nativa e os resultantes das misturas locais, os mulatos. O Quim é o prepotente, arrogante, racista, mentiroso, impulsivo, mas néscio. Em contraste, temos Ginho, inteligente, pensativo, observador e cauteloso, com todas as características de ser um assimilado.

O narrador descreve o Clube de uma vila numa tarde de sábado, quando os mais respeitáveis moradores a frequentavam. Para além do jogo de futebol dos meninos, os mais velhos jogavam cartas. Esses jogadores de “sueca” são destacados funcionários públicos da administração colonial; os meninos do futebol, muitos deles são seus filhos ou conhecidos. Esses miúdos são alunos de uma escola local e

²³ DOMINGOS. *Futebol e colonização: corpo e cultura popular em Moçambique*, 2012.

decidem apostar dinheiro num jogo de futebol amador. Mas Ginho, personagem central e narrador da história, é excluído.

Houve um dia que a malta quis fazer um desafio a sério e não me deixou jogar. O Gulamo nem me deixou jogar à baliza. [...] Ficamos todos a ver uma avançada do grupo do Quim. O Faruk, que era a ponta direita deles, foi com a bola até ao canto, depois de ter batido o Norotamo em corrida, e de lá centrou. O Quim passou por nós a correr para a baliza, mas o Gulamo só dizia: “Larga-me”. O Quim meteu o golo com uma cabeçada. O Gulamo foi logo a correr: “Este golo não valeu porque este tipo estava a agarrar-me”. O Quim e os outros não quiseram saber: “Isso é que vale, está a ouvir?”.²⁴

Estamos diante de um narrador sagaz, que por meio dos seus raciocínios nos faz compreender a teia de relações entre os jogadores. O seu foco fixa-se na trama do jogo, ao relatar os eventos como um locutor. O relato é primoroso, no qual usa termos específicos do futebol para nos revelar a sequência dos eventos e seus protagonistas. Todavia, esse foco mostra que estamos numa sociedade colonial onde a cultura do dinheiro estava enraizada. Essa cultura dominante exclui uma maioria dominada dos benefícios, onde a importância de ganhar a qualquer custo é fundamental. Em um momento importante da narrativa, Ginho recebe a informação da intenção do administrador de matar o cão tihoso e tenta informar aos seus amigos. Mas estes estão mais entretidos com o jogo, uns como jogadores e outros como torcedores. Excluído do jogo futebol, quase em protesto, Ginho retira-se do Clube.²⁵

Quando publicado em 1964, *Nós matamos o cão tihoso* provocou muita polémica, ao coincidir com o início da luta armada, culminando com a prisão do autor acusado de atividades subversivas contra o estado colonial. A percepção de Luís Honwana sobre o desporto, se encontra igualmente no livro de memórias de seu pai, Raúl Honwana, ao escrever que

²⁴ HONWANA. *Nós matamos o cão tihoso*, p. 18-9.

²⁵ Sobre as transformações económicas em Moçambique e em África, eis alguma bibliografia: Walter Rodney. *Como a Europa subdesenvolveu a África*. Lisboa: Seara Nova, 1975; Eduardo Mondlane. *Lutar por Moçambique*. 2.ed. Lisboa: Edições Sá da Costa, 1976. Marc Wuyts. *Economia Política do colonialismo em Moçambique*. *Estudos moçambicanos (1)*, 1980, p. 9-12; Henri Alexandre Junod. *Usos e costumes bantus*. Maputo: Arquivo histórico de Moçambique, 1996; Carlos Siliya. *Ensaio sobre cultura em Moçambique*. Maputo: Cegraf, 1996; José Feliciano. *Antropologia económica dos Thonga do sul de Moçambique*. Maputo: AHM, 1998; José Negrão. *Cem anos de economia da família rural Africana*. Maputo: Promédia, 2001; João Mosca. *Economia de Moçambique: século XX*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005; Aurélio Rocha. *Moçambique: história e cultura*. Maputo: Alcance editores, 2006; Elikia M'Bokolo. *África negra: história e civilizações*. Tomo II. Salvador: EDUFBA; Casa das Áfricas, 2011.

no início da década de 50 havia na Moamba uma associação recreativa, o Clube da Moamba. O administrador, que era o Soares de Lima, resolveu motivar as pessoas para a construção da sede do clube. Os pedidos de contribuição em dinheiro foram estendidos aos comerciantes indianos e aos criadores e agricultores pretos. No final, porém, quando se terminou a construção da sede, os pretos não podiam lá entrar. O único sítio onde havia mistura das raças, no Clube da Moamba, era o campo de futebol. Mas, salvo raras exceções constituídas por jogadores pretos, mulatos e indianos considerados indispensáveis, a mistura não era no sentido de haver equipas com elementos de várias raças, mas apenas no sentido de as equipas de brancos tolerarem, de vez em quando, jogar contra uma equipa de não brancos. [...] Assim constituímos o nosso grupo de futebol, pois esta modalidade era a principal actividade do nosso grupo. Para além da rapaziada negra, que era a maioria, jogavam também alguns rapazes mistos e outros indianos. Para realizar o primeiro treino, solicitamos ao administrador autorização para usar o campo do Clube da Moamba, mas ele recusou-nos esse “privilégio”. Assim treinámos num campo improvisado, em frente à Escola de Artes e Ofícios. O nosso primeiro desafio foi contra um clube de Ressano Garcia, intitulado “Amor de África”, e o segundo desafio realizou-se em Manguluane, contra o grupo da pedreira que lá existia.²⁶

Raúl Honwana, nas suas *Memórias* conta que foi dirigente do Clube da Moamba. Seu filho Luís Honwana, narra num de seus contos, uma partida de futebol e a sueca. Em ambos, os jogos manifestam as divisões e tensões de uma sociedade. Na plural sociedade colonial, as divisões eram baseadas na raça, em que brancos, negros, chineses, mulatos são tratados de forma desigual e injusta. Para além da desigualdade racial, temos a política e económica manifesta na exclusão do Ginho do futebol e a sua não audição por ser considerado um interlocutor não válido de se escutar naquele momento. Ginho está na condição típica do assimilado, aquele que quer participar da sociedade colonial com plenos direitos, mas essa participação é negada. Similarmente, Raúl Honwana é convidado a contribuir nos sacrifícios, mas são negados os direitos de usufruto do campo para treino, agora lugar dos privilegiados. A discriminação não é somente social, mas espacial, ou melhor visto que estamos diante de um sistema, em todos seus aspetos constitutivos.

²⁶ HONWANA. *Memórias*, p. 96-7.



A equipa All Stars de futebol da Frelimo durante a luta armada na década 1960. Destacam-se alguns nacionalistas como Sebastião Mabote, Alberto Chipande, Joaquim Chissano, Eduardo Mondlane, Samora Machel e Urias Simango. Disponível em: www.delagoabayword.wordpress.com.

Tais situações, tanto com Ginho como Raúl Honwana, são típicas dos assimilados, uma classe intermediária na sociedade colonial que vive constantemente em situações dilemáticas. A sua condição intervalar faz com que oscilem entre uma maioria dominada e uma minoria dominante. Por isso, com estes problemas identitários, temos indivíduos contraditórios e hesitantes, imersos em crises existenciais. No conto que descrevemos anteriormente, a situação se resolve com o assassinato do cão, já na história de Moçambique com a luta armada e posterior independência nacional, em 1975.

Em *Os africanos em Lourenço Marques*, Rita-Ferreira caracteriza as atividades desportivas autóctones que vivem na capital de Moçambique nos seguintes termos:

Se há domínio em que o africano se tem distinguido é o do desporto. Basta citar a projecção mundial atingida pelos dois famosos astros do futebol Matateu e Eusébio ambos oriundos do sul de Moçambique e que iniciaram a sua carreira nos campos de Lourenço Marques. Aos olhos dos africanos representam o valor de símbolos, contribuindo decisivamente para tornar crescentemente popular a modalidade desportiva que os tornou famosos. É também a actividade em que a integração social do africano assume aspectos mais naturais e satisfatórios. Todavia, o número de africanos que fazem parte dos 22 grupos desportivos e recreativos existentes no

Distrito de Lourenço Marques ainda é diminuto: dos 9503 sócios existentes em 1965 apenas 290 eram de raça negra. Este número assume, no entanto maior significação se acrescentarmos que eram apenas 497 os associados africanos dos 48 grupos existentes em todo Moçambique.²⁷

O pesquisador afirma que apesar destes constrangimentos, muitos deles ligados a dificuldades de sobrevivência, é contagiante a animação dos nativos diante dos relatos de futebol feitos nas línguas bantu e o gosto pelos amantes do futebol.

Em 1993, Sérgio Zimba publica *Riso pela paz*, que por meio de desenhos ou imagens verossímeis em preto e branco satiriza o comportamento humano, muitas vezes acompanhados de balões explicativos com falas ou pensamentos das personagens escritas em português e changana. Logo na introdução do livro de cartuns, em comemoração da assinatura dos acordos de paz em Roma em 1992, temos o subtítulo “Humor no desporto”, com duas caricaturas sobre corrupção: um dirigente barrigudo paga um árbitro para beneficiar sua equipe e um guarda-redes facilita descaradamente o golo ao seu adversário depois de negociatas. Aponta igualmente para a falta de meios, onde os jogadores estão com roupas rotas e calçados furados.



Imagem: *Riso pela paz*, de Sérgio Zimba, p. 8-9.

²⁷ Rita-Ferreira 1967-1968, *Os africanos em Lourenço Marques*, p. 416-7.

Na verdade, é criticado todo o sistema desportivo – as infraestruturas desportivas, os dirigentes, o público, os treinadores, os craques, as derrotas e as vitórias – associados a diversos desportos – atletismo, natação, basquete e futebol, e inventando outras práticas desportivas em função das especificidades culturais, como “trepacoque” e “caça-mola”.

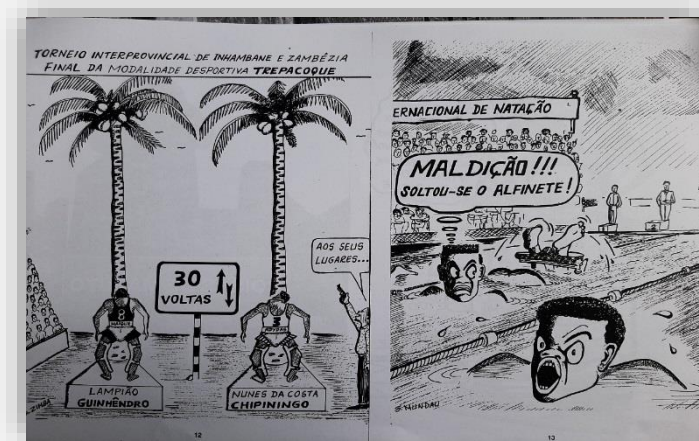


Imagem: *Riso pela paz*, de Sérgio Zimba, p. 12-3.

O “trepacoque” seria um desporto que consiste em subir no coqueiro. As províncias representadas, Inhambane e Zambézia, são as que possuem os maiores palmares de Moçambique e os atletas, retratados de forma estereotipada, possuem nomes das duas etnias minoritárias, mas muito conhecidas dessas regiões, os tonga e chuabo. Por outro lado, a ordenação actancial dos cartuns possuem categorias narrativas que dialogam com os contos bantu. Tanto nos cartuns como nos contos podemos, pelo seu desenlace, tirar ilações didático-moralizantes.²⁸

CONCLUSÃO

O ser humano não vive somente para o trabalho, mas também precisa para divertir-se. Por isso, todas as comunidades, sociedades ou civilizações possuem jogos, gracejos e brincadeiras que as entretêm. O lúdico humano espelha a

²⁸ ZIMBA. *Riso pela paz*, Maputo, Edição do autor, 1993, p. 9, 12. O cartunista publicou *Lágrimas de Riso* (1995), *Mafenha* (1999), *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (2005), *Ri amor* (2006), *Lei de Família* (2006), *Introdução do Metical da nova Família* (2007), *As camisinhas* (2011) e *Mafenha* (2012) segunda edição, nos quais o desporto é tema recorrente.

estrutura social e as regras que orientam as comunidades. Neste artigo, procuramos descrever um conjunto de textos produzidos nas artes moçambicanas, sobretudo na literatura, onde se manifestasse o tema do desporto.

Constatamos que antes da instalação violenta do sistema colonial, os povos bantu de Moçambique tinham diversas atividades lúdicas, de lazer e de descontração. Deste modo, os jogos e brincadeiras eram parte importante da vida social e eram praticados, sobretudo, depois do trabalho, à noite, em períodos festivos ou secos.

O abrupto estabelecimento do sistema colonial e o surgimento de uma elite assimilada, resultaram no aumento da prática de jogos estrangeiros como o futebol, o gamão, o ténis, o xadrez e o boliche. Por isso, estes jogos passaram a ser referidos pelos jornais nativistas como *O Africano* e *O Brado Africano*, dirigidos pelos irmãos João e José Albasini. Neste grupo, podemos incluir, embora em épocas e com percepções diferentes, os escritores Rui de Noronha, João Fonseca do Amaral, Orlando Mendes, Rui Knofli, Luís Honwana e José Craveirinha.

O poeta da Mafalala destaca-se entre os escritores como aquele em que o tema do desporto, em especial do futebol, se manifesta de forma abundante, possibilitando uma estreita conexão entre a sua experiência vivenciada como desportista, tanto como dirigente como atleta, e seus escritos, literários e ensaísticos. Neste conjunto, podemos incluir duas autobiografias, de Eduardo Mondlane e Raúl Honwana, que retratam igualmente os desportos como fenómeno e como organização social.

Os jogos e as brincadeiras foram igualmente descritos pelos pesquisadores das sociedades nativas como Henri-Alexandre Junod, Manuel Viegas Guerreiro e António Rita-Ferreira. Junod descreveu os jogos da sociedade tsonga antes da ocupação efetiva. Manuel Viegas Guerreiro disserta sobre jogos entre os macondes na zona rural do norte de Moçambique e Rita Ferreira sobre os jogos quando o sistema colonial estava no seu auge nos subúrbios de Lourenço Marques. Por último, nos cingimos ao cartunista Sérgio Zimba que descreve os desportos em seus aspectos risíveis.

Concluimos que o desporto é abordado de múltiplas pontos de vista nas artes moçambicanas, tais percepções refletem a pluralidade de pontos de vistas

manifesto nos jornais, nos poemas, contos, autobiografias e pesquisas antropológicas. Por conseguinte, a abordagem varia, sendo para alguns uma referência episódica, noutros, retratados no detalhe. Na maioria dos escritores, o desporto é usado para denunciar as desigualdades socioeconómicas e sonhar por uma sociedade melhor.

Todavia, o artigo descreveu de forma parcial os múltiplos aspectos de algumas artes. Estamos conscientes que se trata de um rico filão para pesquisa, em diversos domínios das ciências humanas. Arriscamos a dizer que mais pode ser constatado nas língua e nas literaturas orais e escritas, seja nas línguas bantu ou em português. Muita pesquisa pode ainda ser feita na pintura, na música ligeira e popular, no cinema, no cartum, nos jogos tradicionais e outras artes em Moçambique.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALBASINI, João. **O livro da dor**. Lourenço Marques: Tipografia popular, 1925.
- CONVENTS, Guido. **Os Moçambicanos perante o cinema e o audiovisual: uma história político-cultural do Moçambique colonial até à república de Moçambique (1896-2010)**. Maputo: Ébano Multimédia, 2011.
- CRAVEIRINHA, José. **O folclore moçambicano e as suas tendências**. Maputo: Alcance Editores, 2009.
- CRAVEIRINHA, José. **Vila Borghesi e outros poemas de viagem**. Maputo: JC Editores, 2012.
- CRAVEIRINHA, José. **Moçambique e outros poemas dispersos**. Maputo: Alcance Editores, 2018.
- CRAVEIRINHA, José. **O Plebescito**. Maputo: Alcance Editores, 2020.
- CRAVEIRINHA, José. **Obra poética**. Maputo: Imprensa Universitária, 2002.
- CRAVEIRINHA, João. **Moçambique: Feitiços, cobras e lagartos**. Maputo: Texto Editora, 2002.
- DOMINGOS, Nuno. **Futebol e colonização: corpo e cultura popular em Moçambique**. Lisboa: Imprensa de ciências Sociais, 2012.
- GUERREIRO, Manuel. **Os macondes de Moçambique: sabedoria, língua, literatura e jogos**. Volume IV. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1964.

- HEAS, Stéphane. Esporte. In: MARZANO, Michela. (Org.). **Dicionário do corpo**. São Paulo: Layola; Centro Universitário São Camilo, 2012, p. 405-10.
- HONWANA, Luís. **Nós matámos o cão tinhoso**. Porto: Afrontamento, 1988.
- HONWANA, Raúl. **Memórias**. Rio Tinto: Asa, 1989.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento de cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- JUNOD, Henri-Alexandre. **Usos e costumes dos Bantu**. Maputo: AHM, 1996.
- KHAMBANE, Chitlango; CLERC André-Daniel. **Chitlango, filho de chefe**. Maputo: Cadernos da Tempo, 1990.
- KNOPFLI, Rui. **Mangas verdes com sal**. Lourenço Marques: Minerva Central, 1972.
- MAROLEN, D. P. **Mitlangu ya vafana vavatsonga**. Cleveland: The Central Mission Press, 1954.
- MENDES, Orlando. **Clima**. Coimbra: Atlântida, 1959.
- MENDES, Orlando. **Portagem**. Maputo: INLD, 1981.
- PATRAQUIM, Luís. Rui de Noronha: Poeta do ser e do tempo. **Índico**, n. 47, p. 45-9, 2009.
- RITA-FERREIRA, António. **Os africanos de Lourenço Marques**. Lourenço Marques: Instituto Investigação Científica de Moçambique, 1967-1968.
- ROCHA, Ilídio. **Imprensa de Moçambique**: história e catálogo (1854-1975). Lisboa: Livros do Brasil, 2000.
- ROCHA, Aurélio. Nota histórico-biográfica de José Craveirinha. In: CRAVEIRINHA, José. **O Plebescito**. Maputo: Alcance Editores, 2020, p. 5-14.
- SOPA, António (Coord.). **Campos Oliveira**: a voz inicial. Maputo: Kulungwana, 2020.
- ZIMBA, Sérgio. **Riso pela paz**. Maputo, Edição do autor, 1993.

* * *

Recebido para publicação em: 14 dez. 2020.
Aprovado em: 02 maio 2021.